

Armando Guebuza e a pobreza em Moçambique ¹

Sérgio Chichava

No discurso da sua investidura como terceiro presidente de Moçambique independente em 2005, Armando Guebuza avançou que considerava a pobreza como o inimigo principal dos moçambicanos, e declarou o seu combate como a sua principal missão. Dois dias mais tarde, na cerimónia da tomada de posse do seu governo, e resgatando a ideia dos tempos do partido único, segundo a qual, para sair da pobreza e do subdesenvolvimento, "temos que abandonar o passo do camaleão"², Guebuza exigia aos seus ministros, uma mudança de atitude, mais criatividade e mais celeridade nas suas acções, de modo a se vencer o mais rápido possível a pobreza. De lá para cá, o *slogan* "todos contra a pobreza absoluta" tem estado na ordem do dia.

Só para se ter uma ideia do lugar que a luta contra a pobreza ocupa no discurso de Guebuza, pode-se olhar para alguns títulos dos seus discursos, nomeadamente os da sua tomada de posse e de seus ministros e os discursos anualmente por ele proferidos na Assembleia da República (AR) na qualidade de presidente da República, no momento em que este faz o balanço das actividades políticas, económicas e sociais do governo durante o ano findo (vulgarmente designados "estado da nação"). O discurso da sua tomada de posse intitulava-se: "A nossa missão: o combate contra a pobreza"; o da tomada de posse do seu executivo, "Combate à pobreza: um desafio que exige criatividade e celeridade nas nossas acções." "Na caminhada contra a pobreza" é o título do seu primeiro discurso na AR sobre o "estado da nação" em 2005. Os de 2006 e 2007 intitulavam-se respectivamente "O combate à pobreza: um desígnio nacional" e "Unidos, prossigamos com a nossa missão: luta contra a pobreza".

Analisamos aqui o discurso político sobre a pobreza de Guebuza. Esta escolha não significa que o tema da pobreza tenha começado a ser abordado por ele, mas ao facto de, sendo ele o actual presidente do país, ser a figura predominante na cena política nacional. Uma outra razão é que se trata de um discurso, em grande parte, radicalmente diferente dos seus predecessores. Com efeito, a pobreza e a luta contra a pobreza ocupam, um importante lugar no discurso da Frelimo desde a independência do país em

1975. Várias estratégias político-económicas para combatê-la foram ensaiadas, assim como várias explicações sobre as suas causas foram avançadas, sendo de destacar o factor colonial, a hostilidade dos regimes minoritários brancos da Rodésia do Sul e da África do Sul, a guerra civil e as calamidades naturais.

A independência do Zimbabwe, o fim da guerra fria, do Apartheid e da guerra civil assim como o abandono do marxismo-leninismo a favor do liberalismo, fizeram com que muitos abandonassem tais teorias para explicar o subdesenvolvimento de Moçambique e novos argumentos foram elaborados. Neste diapasão, portanto, um dos objectivos deste texto será analisar os elementos que compõem o discurso de Guebuza, para, então, explicar as estruturas e os determinantes que lhe estão subjacentes. Inspirando-nos em Damon Mayaffre partimos do pressuposto segundo o qual o discurso político é sempre e acima de tudo uma questão de identidade ou uma estratégia identitária³. Com efeito, e como iremos ver ao longo do texto, a estratégia discursiva de Guebuza é de marcar o seu campo, o seu estilo, a sua identidade, em suma, de se diferenciar dos seus predecessores. Sem perder de vista que o discurso varia entre outros, segundo o espaço, tempo e o auditório, forçoso é constatar que o discurso de Guebuza difere radicalmente do discurso de seus predecessores.

Guebuza e as causas da pobreza em Moçambique

Guebuza afirma que a pobreza em África e, em particular, em Moçambique, releva da responsabilidade individual, da atitude das pessoas. Esta ideia de Guebuza pode-se resumir em três pontos:

1. Pessoas pensam que foram predestinadas ou escolhidas para serem pobres, pois os seus antepassados, vizinhos ou amigos sempre foram pobres e nada fazem para sair desta situação. Ou seja, as pessoas consideram a pobreza uma fatalidade, da qual não têm como escapar e este é um dos obstáculos que o seu governo deve enfrentar na luta contra a pobreza;
2. Pessoas que, influenciadas por aquilo que ele designa de "pregadores da pobreza" ou

"profetas da desgraça", pensam que ser pobre é sinal de honestidade e exemplo de boa conduta;

3. Pessoas são pobres por preguiça, falta de auto-estima e de criatividade. Esta desafeição pelo trabalho resultaria, segundo Guebuza, de um deficit de socialização, pelo que defende não só a introdução nos currículos das escolas primárias de matérias que incitem as crianças a terem amor pelo trabalho, que privilegiem o saber fazer à teoria, mas também a criação de escolas técnicas e politécnicas em todos os distritos do país.

Mostrando não ter nenhum pudor em relação à riqueza, e considerando-a como uma virtude, Guebuza afirma que todos os moçambicanos podem ser ricos ou devem aspirar a serem ricos, desde que abandonem a "mentalidade miserabilista" que faz com que tenham vergonha ou medo de serem ricos.

A destacar também no discurso de Guebuza o lugar que é dado ao papel da ajuda externa. Mesmo se Moçambique continua a depender extremamente da ajuda internacional e a legitimidade e a sobrevivência do governo e do Estado dependem mais dessa ajuda do que da sua capacidade em produzir políticas capazes de eliminar a pobreza, o discurso actual tenta minimizar o papel e o impacto da ajuda externa, colocando-a num plano secundário. Procura-se inculcar a ideia de que viver de "mão estendida" não dignifica em nada os moçambicanos, devendo a ajuda externa ser considerada apenas como um complemento e não como um substituto ao esforço dos moçambicanos na sua luta contra a pobreza.

Entretanto, a par deste discurso, forçoso é constatar que outros factores considerados por Guebuza como obstáculos ao desenvolvimento continuam basicamente os mesmos, cerca de 30 anos depois da independência. Hoje como ontem está-se a falar do "deixa-andar" (desleixo), do "burocratismo", da corrupção, do crime e das doenças endémicas, situação que fica clara ao compararmos um discurso do presidente Machel de 1980⁴ com os vários discursos de Guebuza.

Outro aspecto que não constitui novidade no discurso de Guebuza é a questão do tribalismo e

¹O presente IDeIAS é um resumo da comunicação apresentada pelo mesmo autor na 2ª Conferência do IESE.

²CNICP, *Temos que abandonar o passo do camaleão*, Maputo, Frelimo, Cadernos dos Conselhos de Produção, 7, 1982.

³D. MAYAFFRE, "Dire son identité politique. Étude du discours politique français au XX^e siècle", *Cahiers de la Méditerranée* 66, 2003, pp. 247-264.

⁴S. MACHEL, *Transformar o aparelho do Estado no instrumento da vitória*, Frelimo, Maputo, 1980.

do regionalismo, considerados também dos principais obstáculos ao desenvolvimento e à unidade nacional. Com efeito, Guebuza tem afirmado repetidamente que a pobreza não é só dos moçambicanos do norte ou do centro, mas sim de todos, independentemente da região, etnia, de viverem no campo ou na cidade.

Na sequência do exposto acima, uma hipótese merece ser colocada: até que ponto a nova visão de Guebuza — um indivíduo oriundo de uma família protestante — não teria sido influenciada pelas suas origens? Com efeito, Guebuza vem de uma família profundamente religiosa, professando a religião protestante. Ora, Weber⁵ já discutiu a influência das crenças religiosas nas decisões e posturas de cunho económico dos indivíduos, e como tais atitudes repercutiriam, uma vez agregadas, na economia de determinada região. Especificamente, Weber avança que algumas formas de protestantismo, tais como o calvinismo, o metodismo, pietismo e as seitas Baptistas, ao professarem que todos somos predestinados, seja para riqueza ou seja para pobreza (a teoria da predestinação), acabariam por conduzir as pessoas não à resignação, mas ao trabalho contínuo e ao acúmulo de riqueza, pois tal seria a única maneira de tais pessoas provarem que foram predestinadas à riqueza. Ou seja, como não haveria forma de saber quem foi predestinado para a pobreza ou a riqueza — pois impossível é penetrar nos segredos divinos — e como deus só ajudaria a quem se ajudasse, as pessoas lutariam para ser ricas e provar, através do trabalho, que foram predestinadas a riqueza. Só através do trabalho o homem sairia da pobreza e da miséria e estaria mais próximo de deus. À partida, todos deviam se considerar como eleitos, porque, como diz Weber, considerar-se como eleito constituía um dever e pensar o contrário equivalia a mostrar pouca fé em deus.

De acordo com Weber, nestas variantes do protestantismo, a riqueza e propriedade em si não criam problemas de moral, mas sim a preguiça, a mendicância e o desejo de ser pobre. O que é condenado é o desperdício (do tempo, dinheiro, etc.) e o consumo desmesurado de bens de luxo. É justamente por isso que Weber situa a origem do capitalismo bem como a sua concepção de trabalho na ética protestante.

Esta questão merece ser equacionada por várias razões. Uma delas é o facto de Guebuza ter sido citado a solicitar o apoio da Igreja protestante Metodista Unida em Moçambique, da qual também é crente. Segundo ele, durante o tempo colonial, esta igreja tinha, através dos ensinamentos bíblicos, ajudado os moçambicanos a perceber que a colonização não era uma fatalidade divina, consciencializando-os politicamente. Trata-se agora de ajudar a mostrar que a pobreza não é um castigo divino. Outra razão tem a ver com o facto de algumas correntes protestantes africanas (Faculdade de Teologia Evangélica de Bangui) também explicarem a pobreza em África na mesma linha de Guebuza, isto é, como uma questão de mentalidade e/ou atitude dos africanos.

Entretanto, algo deve ser dito em relação à apologia de Guebuza⁶ à riqueza material, que sem dúvida entra em contraste com os ideais de rejei-

ção do luxo, renúncia às preocupações materiais e financeiras e defesa da austeridade dos militantes defendidos pela Frelimo nos primeiros anos da independência, quando este partido tinha proclamado o marxismo-leninismo como sua ideologia oficial. Isto mostra que Guebuza e muitos dos seus compatriotas provavelmente nunca foram marxistas convictos, como queriam fazer crer, facto consubstanciado pela maneira como facilmente abandonaram o marxismo, sem discussão e sem entrar em crise, e adoptaram o liberalismo, do qual são agora fervorosos defensores.

Outra hipótese não negligenciável consiste no facto de que a atribuição da pobreza à falta de criatividade, à preguiça ou à falta de auto-estima dos africanos ou dos moçambicanos — rompendo com o discurso de muitos líderes africanos segundo o qual a África é pobre por causa do colonialismo e do imperialismo — pode ser vista não só como uma maneira de se distinguir dos seus predecessores e dos seus homólogos africanos, mas também como uma maneira de Guebuza querer atrair simpatias dos Ocidentais e das agências internacionais de ajuda, pois raro é um dirigente africano não acusá-los de serem responsáveis pela desgraça de África.

Para terminar, pode-se dizer que embora Guebuza tenha uma explicação diferente das causas da pobreza em Moçambique, não se pode perder de vista que o lugar central ocupado pela luta contra a pobreza no seu discurso responde, antes de mais, a uma agenda definida internacionalmente pelos doadores aos países pobres, principalmente aos países africanos. Com efeito, se as instituições de ajuda internacional definiram a pobreza e o seu combate como sua razão de ser, em todos os países africanos, ela é também oficialmente, a prioridade dos respectivos governos. Temas como “Descentralização”, “Revolução Verde”, “Combate a corrupção”, entre outros, considerados por Guebuza como fundamentais para o fim da pobreza em Moçambique, não são nada mais, nada menos, que a implementação dessa agenda. A questão é: em que medida o que é designado pelo governo de Guebuza de “Agenda nacional de luta contra a pobreza”, pode-se considerar “nacional”, se o país depende extremamente da ajuda internacional cuja obtenção exige a aplicação das suas políticas?

Enfim, se a definição da luta contra a pobreza é, em grande medida, reflexo de exigências de elementos externos ao país; a sua apropriação discursiva e a sua interpretação pelos actores nacionais dá-se de diversas maneiras, as quais reflectem as características da elite política do país.

Referências:

CHICHAVA, Sérgio, "Por quê Moçambique é pobre?" Uma análise do discurso de Armando Guebuza sobre a pobreza", *Comunicação apresentada na 2ª Conferência do IESE*, Maputo, 22-23 de Abril de 2009.

COMISSÃO NACIONAL DE IMPLEMENTAÇÃO DOS CONSELHOS DE PRODUÇÃO (CNICP), *Temos que abandonar o passo do camaleão*, Maputo, Frelimo, Cadernos dos Conselhos de Produção, 7, 1982.

GUEBUZA, Armando, “Governança aberta e inclusiva: a outra faceta do nosso compromisso em cada vez melhor servir o maravilhoso povo”, 17 de Maio de 2007, CEDIMO (ed.), *A nossa missão. Presidência aberta e inclusiva. Diversificando os canais de interacção com os nossos compatriotas*, vol. III, Maputo, 2008; pp. 110-111.

GUEBUZA, Armando, “Unidos, prossigamos com a nossa missão: luta contra a pobreza”, Maputo, 13 de Dezembro 2007, CEDIMO (ed.), *A nossa missão. Presidência aberta e inclusiva. Diversificando os canais de interacção com os nossos compatriotas*, vol. III, Maputo, 2008, pp. 389-410.

GUEBUZA, Armando, “Instituições religiosas: Na solidariedade humana, um prestimoso tributo na luta contra a pobreza -Comunicação de Sua Excelência Armando Emilio Guebuza, Presidente da República de Moçambique”, 2 de Novembro de 2006, CEDIMO (ed.), *A nossa missão. Decisão tomada, decisão cumprida*, vol. II, Maputo, 2007, pp. 305-309.

GUEBUZA, Armando, “Estado da nação. O combate à pobreza: um designio nacional”, 19 de Dezembro de 2006, CEDIMO (ed.), *A nossa missão. Decisão tomada, decisão cumprida*, vol. II, Maputo, 2007, 317-335.

GUEBUZA, Armando, “A nossa missão: O combate à pobreza”, 2 de Fevereiro de 2005, CEDIMO (ed.), *A nossa missão: O combate à pobreza*, vol. I, Maputo, 2006, pp. 8-16.

GUEBUZA, Armando, “Combate à pobreza: um desafio que exige criatividade e celeridade nas nossas acções”, 4 de Fevereiro de 2005, CEDIMO (ed.), *A nossa missão: O combate à pobreza*, vol. I, Maputo, 2006, pp. 17-22.

GUEBUZA, Armando, *Na caminhada contra a pobreza. Comunicação sobre o estado da nação apresentada na Assembleia da República*, Maputo, 30 de Novembro de 2005.

GUEBUZA, Armando, “Podemos, merecemos e somos capazes de ser ricos”, *Domingo*, Maputo, 28 de Novembro de 2004.

NOTÍCIAS ONLINE, “Guebuza empossa novos ministros”, http://www.govnet.gov.mz/noticias/news_folderpolitica/Marco%202008/nots_po_144_mar_08.

NOTÍCIAS ONLINE, “ Falta de hábito ao trabalho perpetua fome no país — considera presidente Amando Guebuza”, *Notícias*, 19 de Abril de 2007, <http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/bewse0.simples>.

UOL ECONOMIA, “Moçambique culpa cereais e petróleo pelo aumento da pobreza”, <http://economia.uol.com.br/ultnot/lusa/2008/04/22/ult3679u3655.jhtm>, (consultado a 20 de Junho de 2008).

MACHEL, Samora, *Transformar o aparelho do Estado no instrumento da vitória*, Frelimo, Maputo, 1980.

MAYAFFRE, Damon *Dire son identité politique. Etude du discours politique français au XX^e siècle*. Cahiers de la Méditerranée 66, 2003, pp. 247-264.

WEBER, Max, *l'éthique protestant et l'esprit du capitalisme (1904-1905)* http://classiques.uqac.ca/classiques/Weber/ethique_protestante/Ethique_protestante.pdf (consultado a 20 de Agosto de 2008).

⁵ M. WEBER, *l'éthique protestant et l'esprit du capitalisme (1904-1905)* http://classiques.uqac.ca/classiques/Weber/ethique_protestante/Ethique_protestante.pdf (consultado a 20 de Agosto de 2008).

⁶ Guebuza é considerado um dos homens mais ricos de Moçambique, possuindo participações em diferentes sectores de actividade económica.